



Crepúsculo da religião: aurora da espiritualidade?

Reflexão a partir de:

VIEIRA, José Álvaro Campos. **Aurora de uma espiritualidade sem religião**: análise dos sem religião a partir da concepção de espiritualidade não religiosa de Marià Corbi. 2014. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Pedro Assis Ribeiro de Oliveira*

O Crepúsculo dos Deuses, de R. Wagner, dá forma artística à tese de Nietzsche: nenhum deus nem qualquer poder mágico decidirá o destino da espécie humana. A música que traz essa mensagem não tem o tom de tragédia, mas sim de serena e profunda confiança nesses seres capazes de amar. O século XX corroborou aquele anúncio ao retirar da religião a capacidade de reger a economia, a política e a cultura das sociedades industrializadas. A experiência histórica, porém, não confirmou a tese da salvação pelo Amor: duas guerras devastadoras na Europa, o holocausto nuclear de Hiroshima, a dominação colonialista, a opressão dos desvalidos e a exploração predatória da natureza minam qualquer otimismo romântico. Liberadas da submissão aos desígnios celestiais, essas sociedades só aceitam as leis do mundo – o “século”, como o chamava o cristianismo clássico – enquanto os antigos deuses e deusas têm sua esfera de poder circunscrita à vida privada.

Resenha recebida em 28 de outubro de 2014 e aprovada em 12 de março de 2015.

* Doutor em Sociologia (Louvain, Bélgica), pesquisador do ISER-Assessoria e do Centro Fé e Política Dom Hélder Câmara, professor aposentado da UFJF e da PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: pedror.oliveira@uol.com.br

Nesse contexto social que Marià Corbí chama *pós-religional*, o tema mais importante não se refere mais à religião – sistema de crenças e valores veiculados por doutrinas, mitos, rituais e símbolos sagrados – mas sim às formas não institucionalizadas de *espiritualidade* que dão sentido à vida coletiva. Valiosa contribuição para desenvolver esse tema é a dissertação¹ em exame: trabalho de primorosa arquitetura (onde os capítulos equilibram-se em tamanho, sempre com uma breve introdução e conclusão) em torno a questões referentes à espiritualidade dos “sem religião”.

Trata-se de perscrutar os sinais da “qualidade humana profunda” – como é definida a espiritualidade – numa sociedade que não conta com o auxílio divino para superar o egoísmo e estabelecer uma ordem social justa e pacífica. O autor tem como ancoragem empírica dados dos censos do IBGE e também de uma pesquisa com 20 pessoas da área de Belo Horizonte que declaram ser “sem religião”. Os primeiros oferecem a distribuição quantitativa das pessoas sem religião no conjunto da população brasileira, comparando sua distribuição no tempo (censos anteriores) e no espaço geográfico e social. Os segundos oferecem uma análise qualitativa sobre o significado da religião e da espiritualidade para aquelas pessoas. É evidente que esse material não pode dar conta da complexidade envolvida no tema, principalmente por ser fenômeno recente e – por definição – não institucionalizado. Embora o autor recorra à teoria axiológica de Marià Corbí para dar entender essa novidade, ao final da leitura percebe-se que ainda há muito estudo pela frente para se explicar o que significa espiritualidade sem religião. Proponho aqui pistas para esse estudo.

Em primeiro lugar, cabe uma consideração sobre o uso dos dados do censo, que derivam de uma única pergunta sobre “religião ou culto”. Embora sejam de muito valor quando analisados em séries comparativas, é patente sua insuficiência para o estudo da religião enquanto tal. Só trabalhamos com eles por não termos indicadores mais confiáveis sobre a religião de 200 milhões de brasileiros e

¹ Dissertação orientada pelo Prof. Dr. Flávio Augusto Senra Ribeiro, defendida em 28/03/2014. Disponível em: http://www.sistemas.pucminas.br/BDP/SilverStream/Pages/pg_ConstItem.html

brasileiras. Se para a pertença a religião ou culto eles já são deficientes, mais ainda o são quando usados como indicadores do fenômeno de pessoas “sem religião”. Em outras palavras, eles ajudam a dimensionar a desafeição ao catolicismo, o difícil equilíbrio numérico de outras religiões de antiga institucionalização, e o crescimento de igrejas ou grupos neopentecostais, mas pouco ajudam a entender o que significa a resposta “sem religião”. Ela indica, provavelmente com acuidade, a ausência de religião institucionalizada, mas não mais do que isso. A pessoa que responde – por si e por seus familiares – não ter religião, deixa sua resposta suscetível a muitíssimas interpretações.

Por isso, a análise das correlações estatísticas entre pessoas “sem religião” e outras variáveis deve ser lida com a devida cautela metodológica: correlação estatística não permite inferir ocorrência de relação de causalidade, nem mesmo quando inclui os diversos fatores em jogo, como faz a análise multifatorial. Tomada essa precaução, os resultados tornam-se muito interessantes e podem servir como sugestões para pesquisas específicas de aprofundamento. Com isso quero dizer que, embora os resultados da análise não permitam estabelecer um quadro metodologicamente seguro sobre as pessoas “sem religião” na atual realidade brasileira, têm o mérito de fazer pensar e de levantar hipóteses pertinentes para a pesquisa.

Vejamos agora a análise dos dados qualitativos extraídos da pesquisa feita na região metropolitana de Belo Horizonte. Eles são usados para responder a questão sobre o significado de ser “sem religião”. O autor reproduz e analisa as falas mais ricas em informação de pessoas que se autotransferem como “sem religião”. Assim, ele oferece um quadro muito esclarecedor sobre essa realidade. Incorre, porém numa falha de ordem metodológica ao apoiar-se na teoria axiológica de M. Corbí para elucidar o conteúdo dessas falas: para M. Corbí, “sem religião” é quem busca o Absoluto por meio do silenciamento da linguagem, enquanto para o senso comum expresso no material empírico ser “sem religião” é não pertencer a alguma “religião ou culto”. Ou seja, a mesma categoria “sem

religião” tem significados muito diferentes no contexto da teoria axiológica e no seu uso pela linguagem corrente. Essa falha se agrava pelo fato de Corbí abordar o fenômeno dos “sem religião” no contexto do que ele chama “sociedade da informação” – estágio mais avançado das sociedades capitalistas pós-industriais – que não é a realidade vivida por quem participou da pesquisa na região metropolitana de Belo Horizonte.

Feitas essas duas restrições de ordem metodológica, quero realçar a contribuição de J. Álvaro Vieira para o estudo da espiritualidade na condição *pós-religional*. Para fazê-lo retomo o anúncio da humanidade que nasce após o crepúsculo dos deuses: seria ela a aurora de uma nova espiritualidade?

Embora este seja o título da dissertação, a análise dos dados não demonstra que a evidente autonomia da espiritualidade em relação aos sistemas religiosos instituídos favoreça o desenvolvimento da “qualidade humana profunda” que define a espiritualidade para M. Corbí. Ao contrário, vários depoimentos revelam bastante superficialidade espiritual, como se ao abandonar a religião a pessoa se sentisse desobrigada a aprofundar-se humanamente. Cabe então debater até que ponto a espiritualidade embutida nos sistemas religiosos tem realmente aquele teor de “qualidade humana profunda”. Nesse debate, um autor como Faustino Teixeira, perito em encontrar a mística presente em diversas tradições religiosas, não teria dificuldade de apontar exemplos de profunda humanidade entre místicos de diferentes estirpes. Pessoas que, sem deixarem de viver de modo exemplar sua religião, deram testemunho de terem admirável vida espiritual tanto por sua experiência do divino quanto por sua profunda humanidade. Vista a questão sob esse prisma, o abandono da linguagem religiosa pode representar uma grande perda para a experiência da “qualidade humana profunda”. Vista, porém, sob o prisma da sociologia da religião, que evidencia o processo de banalização da fé que se institucionaliza em sistema de crenças, pode-se pensar o contrário: abandonar os antigos deuses à própria sorte é condição para enfim brilhar a aurora de uma humanidade que seja seu próprio sol, como intuiu Marx.

Entre esses polos oscilam as teorias sobre a religião. E a leitura de um trabalho como este que nos brinda J. Álvaro Vieira é um convite à reflexão sobre os tempos que hoje vivemos: seria a humanidade tragada pelas trevas do crepúsculo dos deuses, ou iluminada pela aurora do amor, como sonhou o romantismo wagneriano?